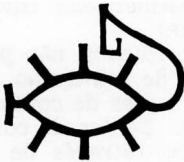


O jubileu dos Arquivos

Junho de 1938 — W. Belfort Mattos, tendo como companheiros de Direção Durval Prado e B. Paula Santos, escreveu as palavras iniciais de apresentação dos ARQUIVOS BRASILEIROS DE OFTALMOLOGIA. Surgiu o primeiro número.

Nessa apresentação, depois de explicar a origem do símbolo que os Arquivos ostentam em seu frontespício, e que busca suas origens em símbolos oculares representando galeras birremes e trirremes, de navios de guerra e mercantes, advindas de "mounds" pré-históricos exumados na ilha do Marajó,



Belfort concluiu em sua apresentação: "Assim também, com um desses mesmos símbolos em seu frontespício, os Arquivos Brasileiros de Oftalmologia se espalharão por todo o Brasil, promovendo e fomentando entre todos o intercâmbio da oftalmologia pátria".

Terra fértil, a semente germinou e floresceu enfrentando sem dúvida dificuldades, horas mais ou menos difíceis, porém sempre se entreteve o entusiasmo à lembrança de suas origens.

Mesmo porque Waldemar deixou Rubens, e este já conta com o "Rubinho". As três gerações não digo que se aprimoram, mas se cotejam. E principalmente se conscientizam de um papel, que em verdade desempenham.

Não foram pequenas as dificuldades para a sobrevida. Basta lembrar que Bahia, Rio Grande do Sul, S. Paulo, Minas Gerais... viveram experiências semelhantes, mas surgiram para desaparecer.

Os Arquivos não. Enfrentaram a procela. Mesmo quando aqueles outros órgãos estaduais cerraram suas páginas, por dificuldades materiais, para propiciar o surto de um poderoso órgão nacional, mesmo aí os Arquivos souberam sobreviver.

O Rio de Janeiro já amadurecia sua bela Revista (a partir de Setembro de 1942), depois de duas tentativas anteriores, brilhantes

mas efêmeras, que foram a primitiva Revista em 1888, e os Anais em 1929. Hoje a Revista Brasileira de Oftalmologia aí está ao lado dos Arquivos, honrando as letras oftalmológicas nacionais.

Hoje, estamos aqui a comemorar orgulhosos o jubileu dos Arquivos. Em 92, a Revista Brasileira também irá se engalantar. São irmãos quase gêmeos.

Mas voltemos aos Arquivos. É curioso folhearmos o seu n.º 1, de junho de 1938.

Dos seus três fundadores, felizmente um sobrevive, e é orgulho da Oftalmologia Brasileira — B. de Paula Santos.

Os outros dois — Belfort e Durval Prado já se foram, mas deixaram marcas. Waldemar Belfort, (1897-1957), por muitos anos ilustrou o Instituto Penido Burnier, com sua decantada habilidade cirúrgica; depois de Campinas, foi para S. Paulo. No 1.º número dos Arquivos, Belfort registrou comentários preciosos sobre a "conjuntivite das piscinas", alertando para que não a confundíssemos com o tracoma, endemia que mortificava o Estado de S. Paulo, numa época em que não se conheciam as Chlamydias nem as sulfas.

Waldemar, que era míope, publicou nos Arquivos de 1942 um trabalho, a pedido de um oculista "V.J.", também míope, e que sofrera descolamento de retina, operado com sucesso pelo não menos hábil e saudoso Pereira Gomes. "V.J.", em sua auto-observação, com a pena de Belfort, nos dá suas impressões. Relembro o fato, para transcrever este período da original auto-observação:

"A remoção da mesa de operação para o carrinho e deste para a cama, entrar no elevador, subir, descer, virar corredores e cruzar portas, deitado em pequena maca, é muito desagradável quando se está com os dois olhos vedados". E frequentemente nós nos esquecemos de passagens aparentemente irrelevantes do pre e do pós-operatório!

Entre as inúmeras publicações de Waldemar, deve se destacar o livro "Dez anos de Cirurgia Ocular" (1931), onde a personalidade do cirurgião fortemente se estampava e já nos oferecia coleções preciosas de fotorretinografias. Foi um pioneiro. Bem dizia Osler que o período áureo, anabólico e construtivo de nossa existência vai dos 25 aos 40 anos.

Ó outro diretor foi o querido Durval Prado, que legou aos oftalmólogos brasileiros ensinamentos, de que ainda hoje nos abeberamos, sobre a "refração ocular". De origem modesta, foi exemplar e um vitorioso. E como os colegas brasileiros o querem!

No 1.º número dos Arquivos, Durval já demonstrava seu pendor, escrevendo sobre "questões ópticas para o oculista — a distância inter-pupilar".

E Paula Santos? Entre os seus títulos, que são muitos, ele destaca o de haver trabalhado com o genial A. Busacca, em cuja clínica privada plasmou o primeiro trabalho inserido nos Arquivos, intitulado "Sobre a frequência de vasos parenquimatosos na córnea dos tracomatosos". Já ali, há 50 anos, ele exibia seus profundos conhecimentos sobre o tracoma, e sobretudo o pano tracomatoso.

Esses os três diretores originais. Seus nomes, sua tradição justificam o sucesso.

Waldemar foi substituído por seu filho Rubens, que assumiu a direção e responsabilidade dos Arquivos.

Rubens, em 1958, conquistou a livre-docência na Escola Paulista. Com uma tese (de que tive a honra de ser examinador) com estudo minucioso e beneditino em índios brasileiros. E eu me pergunto: esse pendor para o exame oftalmológico dos indígenas (que o "Rubinho" herdou) terá relação com o símbolo que se ostenta no frontispício dos Arquivos? Vale transcrevermos, a esse propósito, palavras de Waldemar, ao apresentar os Arquivos em 1938:

"Nas urnas funerárias ou "igacabas" e em diversos figurinos de barro cosido, exumados das "mounds" pré-históricas da ilha de Marajó, são encontrados vários tipos de símbolos oculares representando galeras birremes e trirremes, símbolos que distinguem os oficiais, os marinheiros e os pilotos dos vários navios de guerra e mercantes, que conduziam através dos mares longínquos e do rio gigante — o Amazonas — os pequenos barcos índios disseminadores da primitiva civilização brasileira".

Rubens Belfort, com o apoio de D. Rosinha (sempre uma grande mulher por detrás de um grande homem), manteve acesa tocha que seu pai lhe transmitiu.

E ele deve ter contado com o apoio e o estímulo, para não dizer o exemplo, de um

dos maiores da Oftalmologia Brasileira, que foi o seu mestre Moacyr Alvaro.

Rubens tinha a índole, e bem se ajustou ao anseio de intercâmbio e de progresso que Alvaro lhe oferecia. Vieram com Alvaro os Congressos Brasileiros de Oftalmologia, vieram as Jornadas; e os Arquivos com ele. Estruturava-se a Oftalmologia Brasileira, para que não vivessemos apenas sobre grandes expoentes de que nos orgulhávamos, para que esses picos não se alteassem tanto sobre a média, que assim foi ganhando dia a dia corpo e valor.

Alvaro não quietava. Precisava unir também as Américas. E os "três mosqueteiros" (Gradle, Berens e Alvaro) criaram a Associação Pan-Americana de Oftalmologia, que logo realizou em Cleveland, em outubro de 1940, o seu I Congresso, logo publicando (1939) um outro órgão, repositório das atividades da nova entidade, que foi a Ophthalmologia Ibero-Americana (que se extinguiu com sua morte).

Ao lado de Rubens, não podemos esquecer o trabalho de seu irmão José, que principalmente às lentes de contato tem trazido valioso estudo. Lentes de contato que tiveram em Alvaro (através de Juan Sais, de Buenos Aires) o seu implantador maior.

Mas nas veias dos Belfort corre um rutilante sangue oftálmico.

E a terceira geração aí está, com o Rubens Junior — o "Rubinho", que espelha em suas tendências algo de seus ancestrais.

Uma vez eu disse ao Rubens, Pai: "seu filho está ficando melhor do que V." — e ele sorriu exultante: "ai do mestre, que não tem um discípulo que o supere".

O Rubinho tem muito daquela índole "cigana" do mestre Alvaro não quieta.

Também os índios o sensibilizaram: agora já é com a oncocercose. Sempre trepidante, vibrátil, buscando novidades e aplicando-as. Então quando se trata de uveíte ou de toxoplasmose, ele se transforma!

Pediram-me que dissesse algumas palavras sobre os Arquivos, ao ensejo de seu Jubileu. Quanto poderíamos escrever!

O que posso dizer é que, aos 50 anos, eles são jovens, conceituados, porém sempre buscando nova feição, novos projetos, maior difusão. Waldemar Belfort deve estar feliz.

E os oculistas brasileiros, hoje, por meu intermédio, saudam os ARQUIVOS, que são nossos.

PROF. HILTON ROCHA